PREFÁCIO
O Pesadelo do Real

Lucas "Havoc" Suzigan

Distopia… Uma palavra às vezes pouco conhecida entre os leigos, mas bastante difundida no meio artístico, "distopia" conota uma realidade fictícia cuja organização social estabelecida é representada a partir de condições de vida insuportáveis, como opressão, escassez, infelicidade. Mas de onde vêm as distopias? Por que elas têm tanto impacto no mundo de hoje? E, talvez mais importante, o que é uma distopia?

A palavra tem origem incerta. Há divergências sobre o primeiro uso da palavra distopia, alternando entre 1747 (grafado como dustopia) e 1952 (impresso já enquanto definição de gênero literário), sendo a hipótese mais interessante o discurso do liberal John Stuart Mill na Câmara dos Comuns do Parlamento Britânico, em que ele contrabalanceia o melhor governo possível (a utopia) com o pior (a distopia). O que, aliás, é a origem semântica da palavra: uma distopia seria essencialmente um "lugar infeliz", em

oposição à utopia (um "não lugar", ou, em uma possível alternativa, um "lugar bom"), como uma espécie uma "antiutopia".

Uma distopia, como já perceberam, é uma utopia às avessas. É a realização da desesperança e do desalento como expressões artísticas, um pesadelo que perpassaria todas as camadas da organização social, transmutando-as em um inferno. Mas o que mais assusta numa distopia não são os requintes de crueldade, o detalhamento sombrio de monstros ou os *jumpscare* que o autor coloca em sua obra. O que mais assusta é a sensação de realismo e de plausibilidade que o leitor tem daquela ficção apresentada. A possibilidade, ou iminência, daquilo tudo se concretizar é o que há de mais assustador na arte distópica. É o pesadelo do real.

Toda época tem suas características. Ou mitos, poderíamos dizer, numa leitura um pouco mais barthesiana. Cada sociedade, civilização, momento, tinha o seu "jeito de ser". Desejos, anseios, maneirismos. E isso dá o grau de unicidade de cada contexto.

Mas, assim como as grandes idealizações e sonhos, cada sociedade tem também seus grandes temores. Desemprego, fome, doenças, ... e, a partir dessas coisas, controle e opressão, sejam provindas de um Estado policial, de uma teocracia, de uma ditadura centrada em megacorporações, ou de outras distorções de realidades.

E é assim que nasce uma distopia. É disso que se trata. O temor de cada sociedade concretizado em uma realidade fictícia, trazendo à tona medos e traumas coletivos e mostrando aos leitores o que eles mais temem se realizando socialmente. Então, quando lemos *1984* ou *O Conto da Aia*, diferente de literaturas mais especificamente de terror ou horror, o que nos afeta não é exatamente o drama das personagens do enredo, mas sim a incômoda sensação de que, de certa forma, o mundo que conhecemos pode se desdobrar em algo tão horrível quanto o fictício, e que a história apresentada pode bem vir a ser a nossa. E voltamos ao pesadelo do real, a essência das distopias.

Todas as formas de distorção e perversão de elementos componentes da nossa realidade social são possíveis, com a teocracia, o anarcocapitalismo megacorporativista e o Estado Policial sendo essas apenas algumas de suas possibilidades, cabendo ao autor tentar trabalhar e transformar em realidade os temores de seu público-alvo, tecendo suas fobias e anseios em uma besta maligna para assombrar sua mente.

Sim, eu disse público-alvo, porque a distopia, quando formulada, tem sempre nome e endereço destinatário. Não que ela não possa ter impacto sobre outros leitores, mas ela terá um impacto muito mais profundo em um determinado público. Embora *O Conto da Aia,* de Margaret Atwood, por exemplo, seja capaz de sensibilizar diversos leitores, seus efeitos são

substancialmente mais impactantes entre mulheres, especialmente entre aquelas que não são conservadoras ou fortemente religiosas (cristãs). *1984*, de George Orwell é um livro de referência em termos de distopia, mas tem um impacto diferente entre um público com menor escolaridade e entre os mais instruídos (ao contrário de seu *Revolução dos Bichos*, que tem, devido a sua escrita mais palatável, uma aceitação maior entre os jovens e os mais velhos, independente da classe social). E *V de Vingança* (tanto o filme quanto os quadrinhos, de Alan Moore) tem um impacto diferente dependendo da mídia, com os quadrinhos sendo explicitamente mais anarquistas, embora ambos trouxessem a leitura antiautoritária, ativista e revolucionária, mesmo que em intensidades distintas devido ao público-alvo de cada uma das obras.

Por outro lado, nem toda distopia apresenta sua abominação sociológica como algo explicitamente temível. Pelo contrário. Muitas obras distópicas, como *Admirável Mundo Novo* e *We Happy Few* (inspirado no anterior), ou mesmo outras como *Minority Report*, apresentam mundos que, à primeira vista, parecem-se lugares agradáveis, acolhedores e seguros, mas, no decorrer de sua narrativa, começam a mostrar um lado cada vez mais ominoso, o que vai mexendo com os temores do leitor, criando a sensação de incômodo que vai gradualmente desdobrando-se em horror. Da mesma forma, nem toda distopia apresenta seu Leviatã como agressivo ou

impositor, podendo fazê-lo de forma sutil e diabólica, corrompendo os corações e mentes rumo a um futuro nefasto.

Este livro é um fruto disso. Das distopias. Em especial, daquelas que giram em torno do controle, da vigilância em massa e da supressão das individualidades, aqui representada a partir do "Panóptico" de Foucault, um tipo de prisão em que todos os detentos têm seus corpos expostos a uma estrutura central de guarda, onde um número pequeno de carcereiros consegue fazer a observação de um grande número de pessoas, e que seria um modelo de construção para uma era de vigilância tão opressivamente massiva. Consiste em uma série de contos, escritos por autores de mãos cheias, e compilados pela minha querida amiga Joy. A proposta central é a perversa distorção do controle, e as narrativas abordam essa questão de forma bastante rica e diversa. Histórias sobre perda, opressão, tristeza, desespero, melancolia, desalento, perda de individualidade. Histórias sobre violência, corrupção, autoridade, mas acima de tudo, sobre controle.

Espero que tenham uma ótima leitura.

O Mecânico do C.A.O.S.

01

PANÓPTICO

Fabrício M. Corradini

As colunas de concreto emolduravam os longos corredores circulares que formavam o labirinto de onde seria a abandonada estação de metrô, diversos metros abaixo da superfície. As paredes, completamente cobertas por pichações antigas e das mais variadas, cartazes de bandas esquecidas e anúncios há muito ultrapassados, possuíam uma poluição visual tão intensa que Hagan sequer preocupava-se em tentar assimilar seu conteúdo.

Das lâmpadas fluorescentes que regiam as passagens cilíndricas — mantidas graças à energia derivada de contrabando, um arranjo que ele mesmo havia conseguido —, muito poucas não haviam sido queimadas pelos eventuais curtos-circuitos e ainda funcionavam.

Todavia, em algumas seções, tudo o que existia era escuridão. E, para seu azar, era precisamente numa destas onde o jovem Hagan precisava ir, pois nestes lugares recônditos, de silêncio e trevas reinantes, eram onde os

tesouros mais preciosos em termos de tecnologia utilizável esperavam para serem encontrados.

Pelo menos, para este problema, ele trazia a solução dentro da mochila. Tão logo Hagan saíra do saguão iluminado e adentrara os túneis férreos, ele sacara sua lanterna portátil e a posicionara numa das alças da grande bolsa, como uma ombreira.

Carcaças de antigos veículos e montanhas de eletrodomésticos empilhavam-se uns sobre os outros, amontoando-se por todo o caminho até o teto e inclusive sobre os inutilizados trilhos. Refrigeradores, TVs, e a variedade mais completa de materiais eletrônicos fora de uso — alguns dos quais o jovem sequer conhecia o nome — jaziam naquele que era apenas mais um dos inúmeros e milenares ferros-velhos que se espalhavam pelo continente.

Muito do que encontrava obviamente já não poderia ser aproveitado, estando danificado pela oxidação e ou corroído pela ferrugem, mas ainda haviam muitas peças em boas condições, apenas esperando que alguém as coletasse. Que *ele* as coletasse.

Para Hagan, não importava se ir até ali era proibido, e que, ao fazê-lo, estaria infringindo pelo menos três Leis Regulamentadoras — o suficiente para que lhe garantisse uma execução disciplinar com direito a transmissão global. Desde

que encontrasse o que procurava, valia o risco. Pois o preço de se viver (ou subsistir) na Cidade-colônia Épsilon era alto, e mais alto ainda eram os valores dos *tokens* que lhe pagariam no mercado clandestino pelas peças certas. Valores que, acumulados, em breve seriam o bastante para comprar sua passagem de saída daquele lugar tenebroso.

Sendo um aventureiro de longa data naquele oceano metálico, Hagan conhecia alguns caminhos escondidos entre as pilhas de ferraria e tinha, até determinado ponto, uma parte do lugar mapeado. O mais trabalhoso, como ele mesmo queixava-se, era de chegar até ali. Muitas eram as câmeras de vigilância que precisava *hackear* ou estudar suas sequências de movimentos, e muitas eram as pessoas que adorariam descobrir de onde ele conseguia tantos pequenos tesouros. Assim, horas se passavam até que tivesse certeza de que não havia sido seguido e de que seu caminho estaria totalmente seguro. Horas que ele sacrificava de seu sono, já que, durante todos os dias, tardes e partes da noite, Hagan, assim como a maioria do épsolonianos, era obrigado a cumprir uma intensa carga horária de serviços na fábrica.

Tentando não pensar no cansaço crescente que já tomava conta de seu corpo, pesando em suas pálpebras, ele forçou-se a concentrar no que tinha diante de si, no trajeto diferente que experimentava.

Após algumas horas vencendo pequenos obstáculos, o jovem dera numa área consideravelmente mais limpa, um espaço que nunca havia alcançado.

Exatamente no centro da indistinta clareira, uma espécie de escultura feita de diversas partes de metal sobreposto e fios de cobre enrolados e trançados assomava, quase de sua altura. Movendo o braço e mirando-a com sua luz particular, a forma de um grotesco cão de três cabeças revelava-se, feito de inúmeras partes de motores de antigos carros, conectados como um intricado quebra-cabeça.

Tocando, curioso, a superfície do misterioso totem, onde se sobressaíam ondulações provenientes de um excelente trabalho de solda, Hagan, sobressaltando-se com as diversas minúsculas luzes que se acenderam de repente na criatura metálica, descobriu que, inconscientemente, acionara algum desconhecido dispositivo.

Temendo o pior — ou seja, que aquilo se tratasse de um chamariz ou alguma espécie de armadilha que informaria aos Agentes-Y a sua presença ali, talvez até lhes enviando fotografias ou mesmo filmagens detalhadas que revelariam sua identidade e posição — o jovem tencionou afastar-se, pronto para partir em fuga.

Porém, mal dera um passo para trás, um alçapão camuflado abriu-se no chão sob seus pés, engolindo-o para a escuridão, abduzindo-o sabia-se lá para onde.

Perplexo e num sentimento de genuíno pânico, Hagan reprimia sua vontade de gritar enquanto sentia-se deslizar pelo longo tubo, inclinado num ângulo e possuindo uma lisura que tornavam impossível qualquer tipo de escalada ou tentativa de frenagem em sua descida. Com a lanterna acoplada à alça da mochila, ele via a forma luzidia da larga tubulação se mover para cima, conforme mergulhava ainda mais para o fundo.

Sua queda demorou pouco mais que alguns segundos apenas, porém o trajeto lhe parecera ter durado uma eternidade.

Finalmente, ele chegou a uma antecâmara, adentrando-a a toda velocidade. Se não fosse uma pequena montanha de sacos de retalhos e outros objetos amortecedores, Hagan se estatelaria no chão.

Tossindo horrivelmente com a densa nuvem de poeira que se levantou à sua aterrissagem, ele observou o lugar no qual se encontrava. Pelo menos, ao olhar para cima, não identificou nenhum rosto coberto por um capacete policial encarando-o, ou uma arma apontada para si. Era apenas uma saleta minúscula e desprovida de móveis, de paredes lisas e de

aparência muito antiga. Além do piso de estofamento improvisado, via-se apenas uma porta simples feita em metal fundido, com um círculo de vidro à altura da cabeça. Levantando-se e apreendendo o que podia ao seu redor, Hagan chegou à cabal compreensão de que estava numa cabine das grandes, ancestrais e em desuso embarcações soterradas da Era Morta. O que era uma constatação que beirava ao impossível, assumindo que onde estava ficava abaixo das redes subterrâneas de metrô, que, por sua vez, encontravam-se diversos metros sob a superfície.

Procurando um sentido em tudo aquilo; buscando entender como um submarino ou o que quer que fosse aquilo se localizava bem abaixo da Cidade-colônia Épsilon, ele lembrou-se de se perguntar do mais importante: como sairia dali.

Sem escolha senão explorar o lugar por uma saída, Hagan atravessou o limiar de aço para um corredor sombrio e cheio de portas de compartimentos, nenhuma das quais ele conseguiu abrir.

Ao virar por uma esquina, ele relanceou, ao longe, uma figura se distinguir sob a parca iluminação. A silhueta, àquela distância, parecia de um dos cachorros que vira no zoológico, certa vez. Quando o viu, o animal levantou as orelhas, e um brilho vermelho e artificial como o de um farol iluminou sua

face. Num piscar de olhos, a criatura, agora claramente robótica, avançou pelo caminho estreito, tomando velocidade.

Alarmado, Hagan tentou fugir, na esperança de encontrar algum abrigo, mas antes que tivesse a chance, sentiu algo pesado chocar-se contra seu corpo e no instante seguinte estava caído no chão, a criatura feita de metal frio sobre seu peito.

O jovem não tinha ideia do que lhe iria acontecer até que a fera cravou sua mandíbula hidráulica em seu peito, numa mordida tão forte que ele ouviu suas costelas partirem-se sob a pressão, e uma dor lancinante estremecesse todo seu organismo.

Com horror e pânico, Hagan reconheceu que aquele seria seu fim. A fera não parava de machucá-lo, lenta e dolorosamente, apesar de seus gritos — só pararia quando estivesse morto.

As luzes de repente foram sumindo, conforme sua consciência se apagava, e a sensação de dor ficava aos poucos para trás, de forma que logo a cão-robótico que o atacava não mais importava, e nada do que sentia já o incomodava.

Desprovido do peso da matéria e como que suspenso no ar, ele vagou, carregado por uma correnteza invisível num mar de penumbra. Não havia dor alguma, no entanto. Apenas um

estado de sonolência e um cansaço que parecia corroer cada molécula de seu ser, que gradualmente convertia-se num não-ser.

Ele estava prestes a finalmente abandonar-se, a deixar-se ser consumido pelo oceano de vazio, e eis que um grande facho de luz brilhou em sua frente, vindo aparentemente do nada. O brilho claro e quente, como se uma estrela houvesse se acendido diante de seus olhos, pulsava numa miríade de raios luminescentes, convidando-o.

Invariavelmente avançando até a forma chamativa, que dançava num movimento que lembrava levemente o balançar dos galhos de uma nodosa árvore, Hagan estava a um passo de cruzar a aura ensolarada quando, de repente, abrindo os olhos com um gemido de protesto contra algo que não conseguia recordar-se muito bem, o jovem mecânico encontrou-se repousado numa maca, tendo sobre si, pendurado num teto baixo, um lustre rústico, do qual uma lâmpada em formato de lágrima lhe despejava uma iluminação fluorescente.

— Pelas ruelas de Ford, você está vivo! Que sorte você teve, rapaz! — soou então uma voz rouca ao seu lado, sobreposta ao som de diversos ruídos cadenciados de bipe.

Mas, antes que pudesse virar-se para ver quem lhe havia falado, Hagan desmaiou, caindo novamente na inconsciência.

Quando acordou novamente, teve a impressão de que muito tempo havia se passado de seu primeiro despertar até aquele momento.

Ele estava sozinho no quarto, que era uma mistura de enfermaria com oficina, e Hagan não tardou a entender a razão da estranha combinação. Descendo o olhar até o peito desnudo, viu de esguelha um sem-número de fios e cabos conectores e tubos condutores de fluídos brilhando com diversas luzinhas em medidores de pressão, interligando-se num emaranhado na parte interna de sua caixa torácica, a qual podia enxergar através de uma capa protetora transparente que ia de seu esterno até o diafragma.

O ataque pelo cão-ciborgue não havia sido um pesadelo, afinal.

— Bem-vindo de volta de um coma de três dias. – exclamou a mesma voz rouca de antes, a poucos metros de si.

— Quem está aí? – gemeu o jovem, tentando esticar a visão ao seu redor, mas nada encontrando. – Onde você está?

— Não é exatamente um lugar... – comentou a voz, agora parecendo desanimada.

Nesse momento, Hagan encontrou uma pequena abertura da parede, vedada por uma grade chanfrada. Uma

diminuta lâmpada azul brilhava, oscilando todas as vezes que a voz surgia.

— Pode me chamar de Kriketti, mas talvez seja um pouco complicado demais explicar quem eu sou. A questão é: pelas benditas placas da Apple, quem é *você*?

— Hagan... Eu estava na linha férrea procurando algumas peças e.. de repente escorreguei por um túnel e...

— E foi triturado por um dos limpadores – completou a voz, condescendente.

— Limpadores?

— Sim. São eles que matam as ratazanas e outros animais que invadem a base. Acho que o que te atacou devia estar com algum problema na configuração de identificação de tamanhos.

— Então ele pensou que eu fosse uma ratazana?

— Infelizmente, sim. Por alguma razão, de uns tempos para cá, a eletricidade daqui tem sido um pouco mais instável. Isso trouxe alguns problemas.

Hagan imediatamente se viu, meses antes, cortando e conectando diversos fios de tensão de um centro oculto e religando a energia da estação subterrânea para que ali

pudesse explorar. Se a fonte fosse a qual ele pensava que era, agora, então o Karma realmente era uma droga.

— Quando meu sistema de segurança me notificou o que estava ocorrendo, eu rapidamente abortei a missão do Limpador e o socorri, antes que fosse tarde demais. Como pôde ver, tive de substituir algumas partes suas. Claro que tive de criogená-lo antes, do contrário não teria sobrevivido, mas isso é irrelevante...

— Você fez o que???

— Não se preocupe, foram apenas algumas costelas e veias secundárias... Nada muito importante. E, ah, o seu baço já era, para isso eu não tinha solução. Mas os humanos podem viver sem um baço, não é? — agora a voz soava tão brincalhona quanto uma máquina poderia ser.

Era realmente muito para Hagan digerir de uma vez só. Ele sentia sua cabeça leve e pesada ao mesmo tempo, em um vai e vem como o latejar de seus braços, em cujas ligaduras diversas agulhas e tubos sobressaiam-se, presas por fitas.

— Olhe, Kriketti, ou seja lá qual for seu nome, eu não posso ter estado aqui durante três dias inteiros. Se eu estivesse...

— Se você estivesse, a Fábrica reportaria seu não comparecimento ao seu posto aos Agentes-Y, e toda a Cidade-

colônia Épsilon estaria atrás de você, que a essa altura já estaria sendo considerado um fugitivo, o qual eventualmente encontrariam e aplicariam as punições necessárias.

Hagan arfava.

— Fique tranquilo – acalmou a voz eletrônica. —Isso tudo foi ontem.

Ao ouvir estas palavras, Hagan finalmente desmaiou — o que rapidamente foi exibido num dos inúmeros monitores que mediam seus sinais vitais — não tendo a oportunidade de apreender o que Kriketti ainda dizia:

— ... mas ninguém nunca te encontrará aqui.

Quando o jovem acordou, horas depois, as sondas com soros e todo o aparato que o cercavam haviam desaparecido.

De repente, uma porta discreta abriu-se sozinha, e uma luz violeta brilhou, riscando a parede, no formato de uma flecha indicando a saída, chamando-o para segui-la.

Ele primeiro foi levado a uma espécie de estoque refrigerado, onde empilhavam-se mais latas de comida conservada do que poderia contar, querendo dizer o que ainda não fora dito, mas que era óbvio: não podendo retornar à sua casa, ele teria de fazer dali a sua residência — e Kriketti lhe forneceria os meios.

Depois, saindo do estoque, o sinal luminoso conduziu-o por diversos corredores e alguns lances de escada, até que ele chegou no que deveria ser um salão de festas ou similar.

No caminho, Hagan não encontrara nenhum dos tais Limpadores, o que era um alívio.

No centro do amplo recinto, uma estrutura gigantesca erguia-se, como uma grande estátua do que parecia ser uma baleia narval, feita de inúmeras peças que ele só podia imaginar como sendo componentes de motores de embarcações menores sobrepostos.

Ao aproximar-se o suficiente, seguindo a flecha iluminada que apontava agora do chão, uma porta abriu-se entre a forma metálica que provavelmente tinha maiores dimensões que seus antigos alojamentos, revelando que a estrutura era oca, e abrigava algo que ele deveria ver.

Um tanto receoso, Hagan avançou, adentrando a sala oculta, da qual um flash de luz era despejado através do limiar retangular.

Quando sua visão finalmente se acostumou com o novo ambiente, Hagan ficou boquiaberto com o que encontrou. Centenas, talvez milhares, de pequenas telas mostravam cenas coloridas em movimento simultâneo. Mirando uma mais de perto, o jovem viu que eram vídeos de câmeras de segurança, todas datando daquele mesmo dia e hora, todas mostrando diferentes pontos da Cidade-colônia Épsilon.

Era uma rede de vigilância que sobrepunha a rede da Central-Y!

Antes que tivesse tempo de assimilar tudo o que tinha diante de si, a voz de Kriketti soou, retumbando na câmara lisa.

— Seja bem-vindo ao C.A.O.S.

No piso encerado, alguns desenhos formavam uma insígnia onde lia-se a inscrição na arcaica língua inglesa: *Center of Analysis, Observation and Support*.

— Bem que estávamos precisando de um bom mecânico...